

OS CONTOS DO «SUPLEMENTO»

Rebelde

Por Assis Esperança

MANHÃ de dia claro, o ceu sorri em bençãos e um sol limpidamente espargia aquela sensação de bondade toda feita da pureza de ares que põe na luz aragem cariciosa. Janela aberta, do quartinho se avista ao longe o rio, águas tranquilas, margens bordadas a salgueiros e arbustos, e até muito perto o vale feracíssimo posto em abundância para colheita próxima, guardado e defendido por montes cortados quasi a prumo, barrancos de fazer garganta hiante, bocas de devorar quem mais ousado fôsse. Ela viera para ali, poucos dias antes e ainda de olhos avidos de tanto saciados de recantos criminosos de salão e alcovas, se demorava em contemplanções, preguiças do levantar cedo, mais ia entendendo do enlanguescer da natureza em certas horas e melhor sentindo a alacridade saudável das orgias de quando a terra éleito imenso de espasmo. Por isso se ficava à janela tanto tempo, descuidosa de leituras, exilada de divans opulentos, esquecida de adornos e arrebiques de a fazerem preciosa de tafularia.

Viera mesmo isolar-se para ali, terras de entre Minho e Douro legadas em património, com a tenção formada de conviver pouco e falar menos. De resto, era fácil. Duas criadas a serviam silenciosas se não queria dar-lhes qualquer frase amável de soltar a língua, caseiros e moços de lavoura, figuras secas, ágeis e músculos de aço, não era sem respeito de adorações que soltavam suas exclamações dum paz cheia de candura quando, à hora do entardecer, ela ia por caminhos e carreiros até seu lugar predileto, recanto romântico da sombra junto ao riacho. Vida vivida a seu modo, muito bem lhe sabia aquela contemplação. Súbito, batem à porta:

— Um senhor quer falar-lhe...

— Quem?

— Não disse o nome mas é a modosa da cidade...

— Alto, vestido de negro... — e a voz dela tinha já impaciências, olhos de febre...

— Sim! só eu, querida!

Entre as hobreiras assoma um vulto guardando recato de figura e gestos, ar grave, rosto pálido, sobrolho erguido, olheiras/papudas — «admiti que não querias receber-me» — comenta, tom humilde, ainda sem arriscar quaisquer passos.

— Faça favor de entrar.

Como distraída, acenou à criada que saísse. E indicando uma poltrona ao visi-

tante, tentou quebrar constrangimentos, dizendo logo:

— Esperava-o.

Ele poz-se a fitá-la; percepção da sensibilidade, ela viu no silêncio inimigo de temer porque de geito a cortar cerce altivez e domínio de si própria e como ao seu espirito de elegâncias ou pressas de terminar a entrevista, preferível fôsse a verdade das situações, inquiriu logo sem hostilidade mas vontade firme:

— Não vens certamente pedir-me para que volte a tua casa...

— A' nossa casa.

— Como quizeres. Não vens certamente pedir-me... insistiu. E a fazer-se também pálida, mais adensado o tom azulado das mãos, voz ainda firme mas a que vinham juntar-se entonações de caprichos, vislumbres de impaciências nervosas: — Seria inútil! não voltarei!

— Atende! ninguém sabe... Quando fugiste, preteixei uma cura de repouso, aqui mesmo. Eu tinha a certeza da tua honestidade. Consultei minha mãe, minha irmã... Esquecemos tudo. Volta.

— Concluíste?

— Não! quero falar-te de mim. Sempre te quiz...

— Sim! adoras-me, tens repetido tanta vez... Eu é que não sei retribuir essa tua adoração. Inabilidade, desamor... É melhor assim. — E sacudindo a cabeça, os olhos tinham aquela expressão irónica visinha dos grandes enervamentos: — Ficaremos bons, muito bons amigos... e é tudo.

Erguia-se a encolher os ombros, abandono de passos de quem fatigada vê inútil qualquer insistência, vai encostar-se ao peitoril da janela. Recortado o busto em longes de paisagem, fundo azul do ceu, a luz dá a seu rosto, luaceiro de branda suavidade. Ele insiste:

— Volta! todos nós te perdoamos. Foi uma loucura...

— Não! não! decidi!

Ele prefere não escutar e prossegue:

— Todos são bons para ti! não há motivo para esta separação.

— Acreditas! — e ela agora ri, riso irónico a entrecocar os dentes: — Como me desconhecem! Bondosos todos! Pois preferia-os maus, orgulhosos de seus vícios...

— Querias, então... — fez ele, espantado.

— Sim! o que nos separa é essa bondade que apregoas. Dás-me uma existência igual, os teus teem para mim aquele proceder indiferente de criaturas que convivem connosco só porque a vida os colocou junto de nós. Mas não posso queixar-me porque são bondosos. Alvorocos de mocidade, tudo o que sonhei, cai por terra, mas não me posso queixar porque não me fazem aquele mal que fere fundo. Sinto cercar-me a indi-

ferença, sinto enregelar ternura e ambições e afinal quasi conseguem que duvide de mim porque analisando as acções que conflituam comigo, vejo em todas elas um fundo de bondade. É enervante. Tenho razões fortes para me queixar porque não vivo aquela vida que quero e afinal calo todas as censuras porque me tratam tão bondosamente que chego a perguntar-me se não serei injusta. Não posso mais. A bondade não ampara aquele que a recebe; a bondade só faz de nós vencidos. Ai tens porque não quero voltar. Em tuá casa nem posso desejar, porque sinto que não me compreenderiam. Tua familia são fantasmas a deslizarem no meu silêncio porque não se aproximam de mim senão com aquele ar de quem vive num mundo aonde não chegam os acenos da Fraternidade. Por isso as deixo passar sem uma queixa, tão longe elas estão das minhas ambições. Aqui vivo em plena solidão, mas vivo debruçada para a vida. Paixões ruins, uma humanidade sobre que caiu qualquer maldição milenária, vive aqui a clamar, a correr, a gesticular. Por minha vontade, estou fora dessa vida, mas com a certeza de ir para ela quando quizer. Ao lado dos teus, a teu lado, nunca viveria porque apenas sabem ser bons e a bondade é infecunda. Ser bom não é viver a vida sem paixões, é senti-las e sabê-las governar. Ai tens porque não volto para tua casa. É melhor assim... Adeus...

— Adeus, — e ele ficava-se imbecilizado, vagas de sombra a tomá-lo todo...

ASSIS ESPERANÇA

Escola oficina n.º 1

A propósito da afirmação feita pelo nosso colaborador Acrato Llull, no seu artigo sobre *Os anarquistas e a educação*, de que a Escola oficina n.º 1 já hoje não é nada do que foi em outros tempos, quere em ambiência escolar, quere em processos de educação e em métodos racionalistas de ensino, recebemos do nosso presado amigo e illustre homem de letras sr. César Porto, que é, presentemente, o director técnico daquela Escola, uma carta, a que — não cabendo ela, quere pela natureza do assunto quere pela sua extensão, nas colunas do suplemento — damos publicidade integral na edição diária deste jornal. Para os leitores privativos do Suplemento e que se interessem pelo assunto, aqui fica o n.º de *A Batalha* em que a citada carta foi publicada — foi o n.º 1772, de quarta feira, 3 de Setembro corrente, 3.ª página.

Duas perguntas

Um homem mata outro.

A sociedade berra:

«Agarra!... E' assassino!...» e mete o na prisão.

Na verdade,

a sociedade

teve razão.

Mas ao Estado que quer e prepara uma guerra, que nome dar então?...

Dizem á sociedade:

«Em tal rua, em tal escola ensina-se a matar!»

Tudo é preso a granel,

Na verdade

a sociedade,

no seu papel,

reprime, e toda a gente aprova e se consola.

Mas o que é o quartel?...

Qualquer, qualquer que seja o motivo que a anime a guerra é repugnante; tirar a vida ao nosso semelhante é sempre um crime!

SALDANHA CARREIRA

que haviam arriscado a vida pela pátria e pela republica e a respeito de disciplina, que importava lá isso, se do que se tratava era de pátria e da republica.

Porque a verdade é esta: se não fosse terem os republicanos levado os soldados a quebrar a disciplina militar nunca a republica se tinha proclamado. E se a republica surgiu dum simples movimento militar que admira que, pare a modificarem, os diversos grupos republicanos, que não dispõem da maioria da nação, recorram ao mesmo expediente triunfante em 5 de Outubro?

Foram tambem os republicanos que inauguraram o armamento da artilharia civil. A bomba foi por eles empregada na revolução em que implantaram a Republica e nas seguintes para a abriarem das duas ditaduras. E não há nada mais fora da disciplina social do que o diabo da bomba, que demais

a mais não distingue entre inocentes e culpados.

Pois os mesmos que aplaudiram essa artilharia civil fizeram a mais formidável cara de espanto, de arrepio e de horror ao constatarem que os assaltantes ao Castelo de S. Jorge tambem levavam rebuçados para subornar a tropa. Claro é que os jornais tambem os acompanharam nesta estranheza pelo procedimento dos revoltosos.

A nós o que nos resta é esperar. Tantas vezes vai o cântaro a fonte... Enfim é possível que um dia aos republicanos radicais suceda o que sucedeu aos republicanos em cinco de Outubro: tomarem conta do poder. E então não terá sido de balde que esperamos — querems aber pelo quê? — pela prosa dos mesmos jornais glorificando o triunfo republicano radical, sobretudo se este fôr compatível com uma imprensa moageira...